



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO: MATEMÁTICA

Edilande Jesus Soares

**A HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DO CACIQUE
MANINHO - PATAXÓ DA ALDEIA MATA MEDONHA-BA**

Belo Horizonte

2018



Edilande Jesus Soares

**A HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DO CACIQUE
MANINHO - PATAXÓ DA ALDEIA MATA MEDONHA-
BA**

Trabalho de conclusão de curso do percurso
acadêmico do Curso de Formação
Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI-
FAE-UFMG). Área: Matemática
Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda
Co-orientadora: Camila Carvalho dos Santos

**Belo Horizonte
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à toda família de João Brito, em especial a dona Isabel Maria de Jesus e seus filhos(as), aos meus pais Pedro Bemfica Soares e Maria Eunice de Jesus. Dedico à toda minha família, em especial ao meu esposo Moisés e as minhas filhas Ektxiamany e Nitxiuenã e a todos da aldeia Mata Medonha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Niamisũ (Deus), por ter me dado força, saúde e sabedoria para enfrentar as dificuldades encontradas nesse período acadêmico.

À minha professora e orientadora Shirley Miranda, por ter paciência e dedicação, e por ter me ajudado a concluir o meu TCC.

À minha Co-orientadora Camila Carvalho dos Santos, pelo empenho e paciência comigo, e pela ajuda na finalização do meu TCC.

À professora e coordenadora Vanessa Sena Tomaz, pelo aprendizado muito valioso que tive, pela paciência e contribuição.

À todos os professores do FIEI, pela contribuição na minha formação acadêmica.

Ao meu esposo por ter colaborado na minha formação, pelo incentivo, companheirismo e paciência.

Às minhas filhas Ektxiamany e Nitxiuenã, pela compreensão e apoio da minha ausência.

Aos meus pais Pedro Bemfica e Maria Eunice, por ter me apoiado, incentivado e acreditado no meu potencial.

À toda família Brito, que contribuíram direta e indiretamente na elaboração do meu trabalho de uma forma inexplicável.

Ao meu sogro e sogra Gilberto e Mamédia, por cuidar das minhas filhas na minha ausência.

À toda minha família, que acreditou na minha capacidade de evoluir educacionalmente.

Às minhas colegas de quarto: Valdirene Moreno, Valdirene de Souza, Joseane, Ana Carina, Zilda, Edleuza, Silvanir, Maria e Aritana, pelos momentos inesquecíveis que passamos juntas.

RESUMO

Esse trabalho é o registro da história de vida, luta e resistência do cacique João Brito de Oliveira, conhecido por Maninho, que foi um dos fundadores da Aldeia Pataxó Mata Medonha. Ele foi cacique por muitos anos e lutou pela demarcação, estruturação e desenvolvimento da aldeia, tendo falecido quando ainda era cacique. A pesquisa procurou relatar as conquistas e as dificuldades que ele enfrentou na estruturação da aldeia, através de análises de entrevistas realizadas com familiares e amigos próximos, também através de imagens fotográficas que mostram a evolução da aldeia. A minha expectativa é que este trabalho possa ser muito utilizado nas escolas indígenas, para que a luta das lideranças passadas possa ser contada, lembrada e fortaleça o interesse dos nossos jovens da aldeia, que possam seguir em frente tendo como uma referência o cacique Maninho.

Palavras-chave: Aldeia Mata Medonha. Cacique Maninho. Memória indígena. Resistência.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:O Rio do Norte, uma das atrações da Aldeia Mata Medonha.....	15
Figura 2: Aldeia Mata Medonha.....	16
Figura 3:Dados demográficos da aldeia	17
Figura 4: Plantação de abacaxi e produção de farinha de mandioca.	18
Figura 5: Artesanatos produzidos na Aldeia Mata Medonha	19
Figura 7: Imagem do posto de saúde reformado	21
Figura 8: Maninho e sua família.....	22
Figura 9: viagem de Maninho em busca de melhoria para a aldeia.	24
Figura 10: Distribuição de cestas básicas na aldeia, na casa do cacique Maninho.	24
Figura 11:Distribuição das cestas básicas no Posto de saúde.....	25
Figura 12: Pinguela.....	25
Figura 13:Implantação da água encanada na aldeia	26
Figura 14: A ponte de cimento	28
Figura 15: Chegada da energia elétrica	29
Figura 14: De calça preta, o cacique Maninho averiguando a chegada de materiais para a construção das casas.	29
Figura 15: De chapéu vermelho, Álvaro Brito, averiguando a chegada de cimento para construção de casas para a comunidade.	30
Figura 16: Descarrego de britas.....	30
Figura 17: De chapéu e camisa azul, o cacique Maninho averiguando a chegada de telhas para a construção.....	31
Figura 18: Casa de alvenaria pronta, 2007	31
Figura 19: Projeto de animais bovinos, adquiridos na FUNAI pelo cacique Maninho para a comunidade.	32
Figura 18:Chegada dos adubos e sementes e a preparação do solo.....	32
Figura 19: A escola Indígena Pataxó Mata Medonha.....	33
Figura 20:Salas construídas após a implantação do fundamental II.....	34

LISTA DE ABREVIATURA

AIPAMM- Associação Indígena Pataxó Mata Medonha

CIMI- Conselho Indigenista Missionário

COELBA-Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

FAE- Faculdade de Educação

FIEI- Formação Intercultural para Educadores Indígenas

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA- Fundação Nacional de Saúde

PPP- Projeto Político Pedagógico

SESAI- Secretaria Especial de Saúde Indígenas

UFMG-Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	12
2.1. Sobre os meus entrevistados	12
2.2. Como eu conheci João Brito de Oliveira?	14
CAPÍTULO I	15
3. ALDEIA MATA MEDONHA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS.	15
3.1. A forma de vida na aldeia	18
CAPÍTULO II	21
4. QUEM FOI MANINHO?	21
5. CONTRIBUIÇÕES DO CACIQUE MANINHO PARA A ESTRUTURA DA ALDEIA	23
5.1. A estrada	27
5.2. A energia elétrica	28
5.3. A escola	33
6. MANINHO E SEU MODO DE LIDERAR	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A- PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA	40

1. INTRODUÇÃO

Sou Edilande Jesus Soares, indígena da etnia pataxó, nascida em 06 de maio de 1989, natural de Porto Seguro- BA, moradora da aldeia Mata Medonha, no município de Santa Cruz Cabrália-BA. Sou casada com Moisés Ferreira de Oliveira e temos duas filhas: Ektxiamany e Nitxiuenã. Tive uma vida escolar muito difícil, porque aos nove, quase dez anos de idade eu ainda não sabia ler, apenas tirava do quadro o que a professora escrevia. Em meados de 1999, surgiu a oportunidade de eu morar em Monte Pascoal, no município de Itabela junto com a minha irmã. Lá eu ajudava a cuidar de sua filha recém nascida. Continuei os estudos em Monte Pascoal e lá fui alfabetizada. Como eu já conseguia escrever no quadro e já lia um pouco me passaram para outra turma do 1º. Fui desenvolvendo, e nunca repeti de série. Fiz dois anos de aceleração e no ano 2000, fiz a 2ª e 3ª série. Em 2001, fiz a 4ª e 5ª série. Em 2002, voltei para a aldeia novamente, já cursando a 6ª série, que hoje dizemos 7º ano.

Concluí os anos finais do Ensino Fundamental no povoado de Santo Antônio, porque na aldeia só tinha até a 4ª série. Sofri muito, porque eu tinha que sair de casa no máximo dez horas da manhã, à pé. Caminhava mais ou menos dois quilômetros até uma ladeira onde pegava o transporte para ir para a escola. Muitas vezes ia para escola com fome, porque não tinha o que comer ou às vezes porque não dava tempo de esperar a comida cozinhar. Às vezes, perdia aula, porque tinha que ajudar meus pais na roça arrancar mandioca para fazer farinha. A farinha que fazíamos utilizávamos para comer, para levar para o povoado para vender ou trocar por outros alimentos.

Por diversas vezes fui pra escola com fome, mas jamais demonstrava a ninguém, o meu sorriso no rosto e a minha alegria nunca faltava, e quando voltava, jantava farinha molhada com sal. A fome era tanta, que parecia ser a melhor comida do mundo. Agradecia muito à Deus por ter o que comer. Dormia satisfeita. Às vezes a minha mãe saía pra pescar, e quando eu chegava, tinha um pirão de peixe para comer. Eu via no semblante dos meus pais que eles ficavam tristes quando não tinha nada para comer. Eles sabiam que eu não gostava de faltar à aula, mas as vezes não tinha jeito. Todos os dias eu chegava da escola à noite, porque tinham alunos que cursavam o Ensino Médio em Santa Cruz Cabrália, então tínhamos que esperar todos chegarem. Era muitas dificuldades que passávamos para estudar: tínhamos que atravessar um rio, por

cima de uma pinguela de madeira, porque não tinha ponte, a estrada era uma trilha, que só passava uma bicicleta e a Kombi que buscava os alunos não passava.

Tudo piorava quando havia uma enchente. Nestas ocasiões para irmos para a escola tínhamos que atravessar a trilha com água quase até o pescoço. E quando já não dava mais para passar a pé, atravessávamos de canoa. Por muitas vezes perdemos o nosso material escolar na água. Materiais que eram comprados com tanto sacrifício por nossos pais compraram. Como só chegava em casa à noite, nós passávamos por muitos perigos nas estradas, como pisar em cobras, porque não tínhamos lanternas, mas, graças à Deus nunca fui picada por nenhuma.

Sempre tive o incentivo dos meus pais para estudar. Eles diziam que o maior tesouro que poderiam me dar eram os estudos que eles não tiveram. Diziam que tudo na vida tem dificuldades, nada vem fácil pra nós.

Quando eu já estava concluindo a 8ª série, hoje 9º ano, em 2004, construíram uma ponte de cimento, mesmo assim o carro ainda não passava, porque ainda não tinham aberto a estrada, e ainda precisava de um aterro para passar. Então, o cacique Maninho, junto com os pais dos alunos fez um mutirão para abrir a estrada e aterrar onde precisava para que o carro pudesse entrar na aldeia para buscar os alunos.

Quando eu já estava iniciando o Ensino Médio, em 2005, passei a estudar no período da noite, porque não tinha Ensino Médio de dia. Como o carro já entrava na aldeia para nos buscar os alunos, eu passei a sair de casa às seis horas da noite. E só chegava as onze. Quando já estava cursando o ensino médio me casei, mas mesmo assim não desisti de estudar. Em 2007, tive minha primeira filha, Ektxiamany, e tive que ficar um ano sem estudar porque tive uma cesariana e requeria muitos cuidados. Mas o meu esposo continuou estudando. Em 2008 conclui o Ensino Médio junto com meu esposo. Fui a primeira mulher da aldeia a concluir o Ensino Médio.

Em 2011, tive a minha segunda filha, Nitxiuenã. Em 2012, meu esposo, Moisés Ferreira de Oliveira passou no vestibular do FIEI, da UFMG. Neste período eu e ele conseguimos passar num processo seletivo interno da aldeia para o cargo de professor. Em 2014, eu também passei no vestibular da UFMG. Para a aldeia era uma alegria quando um parente conseguia ingressar numa universidade, principalmente para os meus pais, porque as coisas eram muito difíceis para nós. Em 2015, tive uma perda imensa que foi o falecimento do meu pai, no período em que eu estava na universidade

estudando. Fiquei muito abalada, e daí em diante, me dediquei aos meus estudos com um intuito de ajudar a minha comunidade, e também para realizar o sonho dos meus pais, que sempre me diziam para eu nunca desistir dos meus estudos. Diziam que a maior riqueza que eles podiam me dar era o estudo que eles não puderam ter. E também para realizar o meu sonho de chegar ao nível superior. E pretendo dar continuidade.

O meu objetivo nesse trabalho é registrar a história de luta e resistência de João Brito, também conhecido por Maninho ou *Urussú*¹, que era o seu nome indígena. O interesse por este tema está relacionado a sua história de luta pela sua comunidade e também por ele ter sido um dos fundadores da aldeia Mata Medonha.

Maninho não sabia ler nem escrever, mas era uma pessoa inteligentíssima e não se abalava por qualquer problema que fosse. Ele dizia que para tudo na vida tinha uma solução. Foi cacique da aldeia Mata Medonha durante muitos anos, e neste período lutou pelo desenvolvimento da aldeia. Uma de suas maiores conquistas foi o território de Mata Medonha. Nessa luta teve que enfrentar até pistoleiros de fazendeiros que ser diziam donos da terra. Ele tinha um foco principalmente nos jovens que ainda estavam estudando, pois ele sonhava em vê-los professores e também ocupando diversas áreas na aldeia, para que não precisasse trazer ninguém de fora. Foi através dele que o povo de Mata Medonha aprendeu a lutar pelos interesses da comunidade, porque muitos o acompanhavam em viagens de reuniões fora da aldeia. Mesmo com o seu falecimento, todos que conviveram com ele, têm hoje na memória a sua história de luta e resistência, tendo ele como referência.

Foi uma pessoa que passou por muitas dificuldades para conseguir desenvolver a aldeia, principalmente por não saber ler e nem escrever. Passou frio e fome, mas jamais desistiu de lutar. A sua força de vontade era tão grande, que fica até difícil explicar.

Foi com uma imensa gratidão que mergulhei nessa história, para mostrar como uma liderança que se preocupava com a sua comunidade, liderou, mesmo diante das dificuldades, com honestidade e sabedoria, conseguiu desenvolver um trabalho tão bonito, que hoje, é lembrado por cada conquista sua existente na aldeia. É difícil não lembrar ou citar o seu nome em momentos de reuniões ou até mesmo em eventos realizados dentro ou fora da aldeia.

¹ Urussú: espécie de abelha

A minha expectativa é que este trabalho possa ser utilizado nas escolas, para contar a história de nossa aldeia e de nossas lideranças, fortalecendo a importância das lideranças passadas e atuais. E que ele também possa servir como referência bibliográfica para outros alunos. Gostaria que pessoas que apenas ouviram falar de Maninho pudessem conhecer a história dele completa. Assim tenho como objetivo registrar através da escrita, a sua trajetória de vida e de luta e resistência, através de depoimentos de familiares e pessoas próximas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de entrevistas com familiares e amigos de João Brito de Oliveira. Foram entrevistadas sete pessoas; sendo duas delas de fora da aldeia, e as demais da família de João Brito, em que falaram a respeito do mesmo. Na verdade seriam mais pessoas, mas como no caso de Álvaro Brito, irmão mais velho de João Brito e pajé da aldeia, que lutaram juntos para desenvolver a aldeia, não teve como ser entrevistado, pois na época em que seria feita a entrevista, ele ficou enfermo por muitos meses, sem haver melhoras. No entanto, não houve condições de entrevistá-lo, pois Álvaro Brito foi a óbito em dezembro de 2016.

As entrevistas foram realizadas não só as pessoas mais velhas, mas também com as mais novas que o conheceram antes do seu falecimento. As entrevistas foram registradas através de gravações e anotações. Para a coleta de dados utilizei gravador, diário de campo, máquina fotográfica e computador para fazer as transcrições. Como alguns dos entrevistados estão morando longe, algumas entrevistas foram realizadas via WhatsApp. Os registros também foram realizados através de fotografias que estavam de posse dos entrevistados e de fotografias de Maninho em alguns lugares que ele esteve durante a sua vida.

2.1. Sobre os meus entrevistados

No meu trabalho foram entrevistadas sete pessoas; sendo duas delas de fora da aldeia, e as demais da família de João Brito, em que falaram a respeito do mesmo. Também pretendia entrevistar Álvaro Brito, irmão mais velho de João Brito e pajé da

aldeia. No entanto ele ficou enfermo por muitos meses, e sem melhoras, veio falecer dezembro de 2016.

Foram entrevistados:

Isabel Maria de Jesus Oliveira, porque ela foi esposa de João Brito, e também parteira da aldeia. Ela vivenciou todas as lutas dele, e ajudou também no desenvolvimento da aldeia. Criou todos os seus sete filhos juntos, com muito trabalho, dignidade, humildade e sabedoria. Viveu com ele até o último dia de vida. Ela é hoje a anciã mais velha da aldeia, com 83 anos de idade. É uma pessoa maravilhosa, humilde e honesta.

Moisés Ferreira de Oliveira, 29 anos, sobrinho de João Brito e atual cacique da aldeia Mata Medonha. Foi um jovem que alcançou a lutas, as dificuldades e as conquistas de João Brito. Foi ele que também o acompanhou em diversas viagens. Aprendeu a lutar e defender o seu povo com João Brito. É também Professor de Patxôhã na escola da aldeia. Casado e tem duas filhas. É uma pessoa honesta, muito sincero, humilde e batalhador.

Raimundo de Jesus Oliveira, 44 anos, filho de João Brito e liderança da aldeia, e pessoa que acompanhou de perto, desde bem pequeno as suas lutas e que sofreu muito com o falecimento do seu pai. Teve muita participação no desenvolvimento da aldeia, onde até hoje ajuda com as experiência adquirida do seu pai. Hoje é uma liderança na aldeia. Casado, tem 7 filhos que assim como ele, nascidos e criados em Mata Medonha.

Soelma Pesca Pinheiro, 39 anos, esposa de Raimundo e nora de João Brito, acompanhou de perto as dificuldades e as conquistas de João Brito. Agricultora e artesã. Mãe de 07 filhos, todos nascidos e criados na aldeia Mata Medonha. Uma pessoa muito sincera, que não deixa de opinar em reuniões da aldeia.

Jailton Gerino Maciel, 56 anos, funcionário público federal, atuando na área produtiva e administrativa, conhecido na aldeia por Maciel. Foi uma pessoa que ajudou na demarcação do território de Mata Medonha, que ajudou muito o cacique Maninho. Uma pessoa muito querida por todos da aldeia, muito especial.

Cosme de Jesus Oliveira, 37 anos de idade, filho caçula de Maninho, que teve e tem o seu pai como um exemplo de pai, pessoa que ele sempre se dispôs a ajudar e

sempre esteve por perto, acompanhando a sua trajetória, vendo as suas conquistas e dificuldades. Cosme é casado e tem dois filhos adolescentes. É um exemplo de pai e de pessoa. Uma pessoa muito humilde e honesto.

Irene Maria de Jesus, 55 anos, servidora pública federal / FUNAI, aposentada. Acompanhou de perto as lutas de João Brito junto à FUNAI para buscar benefícios. Por sua área ser Educação, teve papel fundamental na busca pela educação da aldeia. Sempre nos ajudou a elaborar projetos para buscar uma educação de qualidade. Mesmo aposentada, sempre está disponível para nos ajudar no que for possível. Uma pessoa muito amada por todos da aldeia.

2.2. Como eu conheci João Brito de Oliveira?

Conheci João Brito quando meu tio Manoel Pacheco nos chamou para morar em Mata Medonha. No dia em que íamos embora para lá, o irmão de João Brito, conhecido como Domingo Brito e o meu tio Manoel foram nos ajudar na mudança. Viemos para Mata Medonha em 1996. Viemos de barco, porque não tinha estrada que dava acesso à aldeia. Eu ainda era criança, tinha entre seis a sete anos de idade, mas me lembro muito bem o quanto ele se importava com todos. Rapidamente ficou amigo do meu pai. Logo pediu para que o meu pai nos matriculasse na escola para que pudéssemos aprender a ler e escrever para que não ficássemos como eles, analfabetos. Era eu, e mais três irmãs. Havia ainda mais três irmãs e um irmão, mas todos já tinham família, e não moravam com meus pais. Ele gostava de ir lá em casa para conversar com o meu pai e minha mãe.

Quando eu estava na 5ª série ou 6º ano, me lembro que ele me pedia para digitar ou até mesmo fazer documentos escritos manualmente e depois digitar no datilógrafo para ele levar nas viagens. Ele achava que iria incomodar caso fosse pedir outra pessoa, pois poderia estar ocupado, e ele não queria atrapalhar. Mas ele pedia a outras pessoas também para fazer isso para ele. Mas o seu foco maior era os jovens da aldeia. Por isso ele me dizia que eu tinha que treinar para não ficar dependendo de ninguém para fazer algo. Na verdade eu não sabia nem mexer no datilógrafo, mas ele insistia em dizer que eu tinha que tentar até aprender. E nisso eu aprendi mesmo. Graças a ele eu não desisto na primeira tentativa. Pelo contrário, eu insisto várias vezes até conseguir. Ele apostava nos jovens para o desenvolvimento da aldeia.

Às vezes quando tinha reuniões na aldeia, ele pedia aos jovens da aldeia para fazer a ata, onde eu não podia escapar. Não só eu, mas como outros jovens também.

CAPÍTULO I

3. ALDEIA MATA MEDONHA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS.



Figura 1: O Rio do Norte, uma das atrações da Aldeia Mata Medonha

Fonte: Moises Ferreira

A aldeia Mata Medonha foi fundada pela família Brito, refugiada da aldeia Barra Velha, do Fogo de 51. Moraram em Juacema, passando depois por Boca da Mata, quando, em 1964, João Brito de Oliveira, seus pais: Anastácio Brito de Oliveira e Clarice Maria da Conceição, e seus irmãos: Álvaro Brito de Oliveira, Alda Brito de Oliveira, Antônio Brito de Oliveira, José Brito de Oliveira, Maria de Lourdes Brito de Oliveira e Rafael Brito de Oliveira, foram e compraram uma terra por nome Analberta, hoje chamada de Mata Medonha, como conta Ferreira (2015):

Quando já estávamos morando em Juacema, meus irmãos seguiram em frente, e veio parar aqui no Guaiú e eles começaram a trabalhar aqui. Depois de quatorze anos trabalhando no Guaiú, meus irmãos Maninho e Antônio Brito acharam um lugar que era de uma senhora que se chamava Analberta e eles voltaram para Juacema e disse para papai que tinha encontrado um lugar que era muito bom pra nós morarmos. Como nós já queríamos sair mesmo, papai vendeu a terra de lá e comprou esse lugar. Foi dessa vez que viemos morar aqui. Meu pai comprou essa terra, que chamava Analberta naquela época, por trezentos mirreiros.

Gastamos oito dias de Juacema até aqui em Mata Medonha. Foram oito dias viajando pela beira da praia e pela linha telegráfica. Vínhamos parando. Nós viemos de Juacema, ficamos em Trancoso e dormimos lá. No outro dia, para Arraial D´ajuda, daí nós viemos e dormimos em Santo Antônio. Na véspera, do dia dois de fevereiro, nós pegamos a canoa do finado Lutero 6 . Era uma canoa grande. Colocamos toda a mercadoria e subimos rio acima sem conhecer nada. Enfrentamos o rio fundo com a correnteza forte. Os animais, deixamos tudo na manga de um rapaz no Santo Antônio, por que até então não existia estrada. Viemos de canoa e depois fomos buscar os animais. Eram oito animais que veio junto com a nossa bagagem (FERREIRA, 2015, P.14)

Quando a família de João Brito chegou à Mata Medonha, na época chamada de Analberta, encontraram muitos posseiros ao redor da terra. Mas eles não desistiram e permaneceram.

(...)A nossa chegada foi em 1964. Encontramos muitos posseiros aqui e quase tivemos problemas com eles. A nossa família era grande, éramos oito irmãos, Antônio Brito de Oliveira, Álvaro Brito de Oliveira, Maria de Lourdes Brito de Oliveira, João Brito de Oliveira, Jose Brito de Oliveira, Alda Brito de Oliveira, Rafael Brito de Oliveira e o meu pai que se chamava Anastácio Brito de Oliveira, que veio já de idade, e Clarice Maria da Conceição.

Quando chegamos na Analberta, que era o nome da dona da terra e também o nome do lugar, do outro lado do rio, que era um lugar isolado, foi também onde surgiu a aldeia. E nós fomos continuando, porque não tinha estrada aqui, só tinha um capoeirão. Quando terminava o capoeirão entrava na mata. Mesmo com essas dificuldades já tinha muitos posseiros ao redor. Depois que chegamos, eles começaram a crescer o olho, mas essas pessoas depois começaram a sair tudo - os fazendeiros começaram a comprar as terras - e nós ficamos. (FERREIRA, 2015, P.15)

A aldeia Mata Medonha está localizada às margens do rio do Norte e rio do Sul, que deságua no rio Santo Antônio, no município de Santa Cruz Cabralia, no Sul da Bahia, distante aproximadamente doze quilômetros do povoado de Santo Antônio.



Figura 2: Aldeia Mata Medonha

Fonte: Google Maps

A aldeia hoje conta com aproximadamente 82 famílias, com um número aproximado de 279 pessoas, distribuídas em crianças, jovens, adultos e idosos de acordo com os dados demográficos do posto de saúde.

População da Aldeia Mata Medonha / 2018	
Quantidade de famílias: 78	
FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADES
De 0 a 01 ano	8
De 02 a 05 ano	25
De 06 a 09 anos	27
De 10 a 11 anos	9
De 12 a 14 anos	24
De 15 a 17 anos	26
De 18 a 19 anos	14
De 20 a 24 anos	18
De 25 a 29 anos	23
De 30 a 49 anos	60
De 50 a 59 anos	17
De 60 a 69 anos	15
De 70 anos ou mais	13
TOTAL	279

Figura 3: *Dados demográficos da aldeia*
Fonte: Posto de saúde

No ano de 2016, a aldeia funcionou apenas com lideranças indígenas, porque estava sem cacique. Não tínhamos conseguido uma pessoa de responsabilidade ou disponível para assumir este cargo na aldeia. Para assumir um cargo de cacique a pessoa viaja muito para reuniões e eventos, e não tem muito tempo para si ou para sua família. Mas, neste período toda a comunidade se reunia, quando necessário, para fazer manifestações ou até mesmo reuniões. Estas reuniões aconteciam na escola, pois em 2016 ainda não tínhamos um centro cultural na aldeia. Atualmente temos um espaço destinado a realização das reuniões.

Em 2017, Moisés Ferreira de Oliveira, se disponibilizou a exercer novamente a posição de cacique da aldeia que exerceu durante os anos de 2011 e 2012. Durante o período de 2012 a 2016 ele se ausentou da função para fazer um curso de graduação na FAE/UFMG. Por esse motivo que ele não tinha aceitado ser cacique antes de terminar a faculdade, apesar de muitos terem pedido a ele.

Moisés é jovem, mas já tem grande experiência para trabalhar em prol do seu povo, pois aprendeu com Maninho, quando ele ainda era vivo. Ter um cacique é uma tradição do povo pataxó, pois ele é uma referência fora e dentro da aldeia. Ele é o responsável pela organização da aldeia e por buscar melhorias para a comunidade, como saúde, educação, etc., para que o povo possa viver com dignidade.

3.1.A forma de vida na aldeia

A maioria das famílias sobrevive da caça, da pesca e da agricultura. As pessoas que vivem da caça, quando matam uma caça, divide com seu familiares, e demais vizinhos. Em tempos de enchentes, muitas pessoas pegam muitos peixes, dividem com alguns vizinhos e outros separam para vender na aldeia e no comércio.

Outras famílias trabalham no plantio de mandioca, milho, feijão, abacaxi, melancia, entre outros. Parte da produção é vendida, e outra parte é para o consumo.



Figura 4: *Plantação de abacaxi e produção de farinha de mandioca.*

Fonte: Moisés Ferreira e Gerino Maciel

Algumas famílias fazem artesanatos de sementes, como colares, brincos, pulseiras. Fazem também artesanatos de pena, como casquetes, brincos e fazem também tangas de *estopa*². Mas é difícil sair para vender. Pois lá o turismo ainda não é frequente. Então acabam vendendo para os próprios moradores da aldeia.

Outras pessoas trabalham na escola, como professores, serviços gerais, vigias, entre outros. Mesmo as pessoas trabalhando em escolas, ajudam os seus familiares e vizinhos, fornecendo trabalhos, como roçagens, capinas, entre outras.

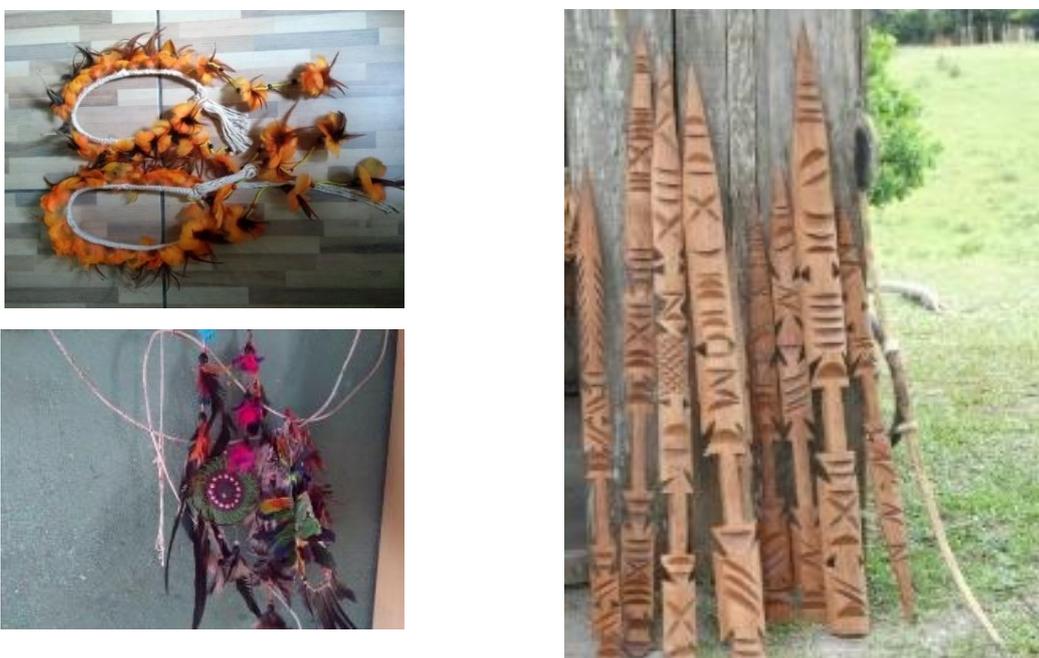


Figura 5: Artesanatos produzidos na Aldeia Mata Medonha
Fonte: Moisés Ferreira

Durante o ano, há festas comemorativas, como o dia do índio, Independência do Brasil, dia das crianças, aniversário da aldeia, dia das mães, entre outros, todos realizados na escola. A escola é o lugar onde acontece quase todos os eventos da aldeia. Há também noites culturais aos finais de semana, para fortalecer a nossa cultura, e também eventos fora da aldeia, como jogos indígenas entre outros. Pois ainda não temos um centro cultural para que esses eventos sejam feitos.

Destas festas as mais importantes são: dia das crianças, dia do índio, aniversário da aldeia e jogos indígenas e as noites culturais. São importantes porque são essas festas

² Estopa é um material retirado da imbiriba (árvore) e utilizado para fazer as tangas e bustiês.

que fortalecem a nossa cultura e a união do nosso povo cada dia mais, e também é uma das formas de não perdermos tudo aquilo que o cacique nos ensinou: nunca deixar morrer a nossa cultura. Porque nessas festas e encontros, nós também fazemos as nossas comidas e bebidas tradicionais.

O dia das mães é comemorado entre as famílias mesmo. Na escola as crianças ficam todas esperançosas para verem suas mães comemorarem o seu dia. A escola toda se reúne para fazer algo para as mães, uma lembrancinha, um bolo, onde as crianças leem uma mensagem para a sua mãe, ou canta uma música homenageando elas. Não tem quem não chore. É muito emocionante.

Quando precisamos fazer alguma festa na aldeia, que não temos nenhum patrocínio, cada família contribui com alimentos ou dinheiro para não deixarmos de fazer. O apoio maior vem da escola, que ajuda com dinheiro ou até alimentos mesmo.

Outro sonho seu era a melhora da saúde na aldeia. Graças a ele hoje temos o posto de saúde e agentes de saúde na aldeia. Desde que o posto de saúde foi feito, nunca tinha sido reformado. Ele já estava com o telhado cheio de cupins e quando chovia molhava tudo. Hoje, o posto de saúde está num bom estado, porque foi reformado recentemente. Hoje temos um consultório odontológico e médico na aldeia. Isso não foi construído na época de Maninho, mas saiu do que ele conquistou.





Figura 6: *Imagem do posto de saúde reformado*
Fonte: Valdirene Moreno

CAPÍTULO II

4. QUEM FOI MANINHO?

João Brito de Oliveira, popularmente conhecido por Maninho, nasceu em 24 de junho de 1940, natural de Porto Seguro -BA, filho de Anastácio Brito de Oliveira e Clarice Maria da Conceição. Uma pessoa muito amável, amigo de todas as horas, humilde e companheiro. Dava atenção para todo mundo, de criança a adulto. Maninho era casado com Isabel Maria de Jesus Oliveira, também conhecida por Bezinha, hoje com 84 anos de idade. Tiveram sete filhos: Gildo, Raimundo, José, Ivanildo, Cosme, Zenilda e Suely, todos nascidos e criados na aldeia Mata Medonha. Maninho e Isabel tem aproximadamente 40 netos e quase 20 bisnetos.

Antes de Maninho ir para Mata Medonha, eles moravam em Barra Velha. Chegaram para Mata Medonha quando o seu pai comprou um pedaço de terra, e vieram toda a sua família. Como era uma terra um pouco grande, eles chamaram mais pessoas para ocupar a terra, vindo a expandir o território e aumentar a quantidade de famílias. Então retomaram aquele território e lutaram até conseguir a demarcação e homologação da terra, como terra indígena.

O cacique Maninho era uma pessoa que valorizava muito a sua família. Por mais que todos os seus filhos eram casados. Todos os dias de manhã seus filhos iam tomar um cafezinho com eles.



Figura 7: Maninho e sua família.

Fonte: Cosme de Jesus

Se tornou cacique da aldeia Mata Medonha em 15 de julho de 2002 em votação que aconteceu na chácara de João de Brito. A reunião que aconteceu a partir das 13:35 e contavam com a participação de 30 pessoas foi registrada em ata. Nesta reunião João Brito de Oliveira (Maninho) e Israel Guedes foram escolhidos como cacique e vice cacique da aldeia Mata Medonha por 28 votos.

Durante o período que esteve como cacique, Maninho conseguiu, junto às demais lideranças, desenvolver e estruturar a aldeia. Lutou juntamente com os demais pela construção da escola, do posto de saúde, da estrada, e luz elétrica na aldeia. Algumas de suas conquistas ele não teve a possibilidade de ver se concretizando, mas foi um grande incentivador para que elas acontecessem.

Depois de muito tempo, o cacique Maninho começou a sentir uns problemas de saúde. Fez alguns exames, e foi diagnosticado com um problema no pulmão, causado pelo álcool e nicotina do cigarro. Em seguida, foram encontradas pedras nos rins. Ao fazer uma cirurgia, o seu estado de saúde piorou, ficando debilitado. Para a família foi muito difícil saber que ele estava nessa situação. Fizeram o que puderam e o que

estavam ao seu alcance, mas infelizmente, aos quase 71 anos de idade, Maninho veio a óbito, deixando apenas as suas conquistas como lembrança para toda a sua comunidade e familiares. Foi difícil a despedida. Ele foi a óbito em 18 de janeiro de 2011. Ele se foi, mas a geração que ele deixou, que ele ensinou a lutar pelo que precisamos continua. Mas ele permanece em nossas memórias.

5. CONTRIBUIÇÕES DO CACIQUE MANINHO PARA A ESTRUTURA DA ALDEIA

O cacique Maninho teve papel fundamental no desenvolvimento da aldeia Mata Medonha. E para isso teve que passar por muitas dificuldades nesse longo trajeto. Ele contribuiu muito no quesito educação, saúde, moradia, bem estar, serviço social, entre outros.

Foi através de Maninho que hoje temos uma escola e uma educação com mais qualidade, uma saúde melhor, uma habitação de qualidade, uma estrada para nos locomover, energia, dentre muitas outras coisas. Claro que tudo isso foi com muito sofrimento, muitas batalhas enfrentadas, e muitas outras coisas. Maninho chegou a passar fome e frio, pois as vezes viajava só com o dinheiro da passagem. Chegou a dormir no chão frio, correndo o risco de até pegar uma pneumonia ou outra doença, por não ter sequer um colchonete para dormir.

Quando perguntado a Moisés sobre as conquistas de Maninho, ele responde:

“Uma das conquistas que Maninho deixou pra nós foi a demarcação de uma parte da aldeia. Ele com seus irmãos foi que garantiu o nosso território. Foi fundador da aldeia, e, com certeza se eles não tivessem essa ideia de garantir a permanência dentro da terra, a nossa aldeia não existia, o nosso território é uma das conquistas dele. Depois foi surgindo outras coisas, veio chegando a escola, não foi lá essas coisas, mas conseguiu trazer pra aldeia, que não tinha...” (Moisés)

Moisés ainda cita a estrada, a encanação de água, a chegada da energia, a escola, a construção de 33 casas na comunidade, a construção da ponte de cimento, que antes não tinha, entre outros.



Figura 8: *viagem de Maninho em busca de melhoria para a aldeia.*

Fonte: Dona Isabel

Esta foto mostra uma das viagens de Maninho, em que teve que dormir no chão frio, sem colchão, tudo para conseguir desenvolver e estruturar a aldeia Mata Medonha. Nem todos da aldeia chegaram a alcançar esse tempo em que as lideranças da aldeia passavam por tudo isso.

O cacique Maninho, por diversas vezes, conseguiu para toda a comunidade, cestas básicas, e distribuiu para todos. Como nesse tempo não tínhamos muitas condições, essas cestas nos ajudavam muito. Era uma alegria quando sabíamos que havia chegado cestas básicas na aldeia para nós.



Figura 9: *Distribuição de cestas básicas na aldeia, na casa do cacique Maninho.*

Fonte: Dona Isabel



Figura 10: Distribuição das cestas básicas no Posto de saúde

Fonte: Dona Isabel

Outra coisa que ajudou a acelerar o desenvolvimento da aldeia foi a ponte, que era o que nos impedia de muitas vezes sair da aldeia ou mesmo ir à escola, porque quando a maré do rio enchia, a água carregava as tábuas da ponte que chamávamos de pinguela. Apesar de tudo, era essa pinguela que nos socorria na hora de atravessar o rio.

Em tempos de enchentes, não tínhamos como sair da aldeia, pois a água já havia carregado as tábuas da pinguela. Então só havia uma forma de passar: de canoa.



Figura 11: Pinguela

Fonte: Arquivos da Escola Indígena Pataxó Mata Medonha

Vivíamos a sonhar com uma ponte de cimento, que naquele tempo parecia ser impossível. Pois já havíamos sofrido tanto, que já estávamos perdendo o pouco da esperança que tínhamos. Pois víamos nossos velhinhos passar por cima dessa ponte e até mesmo ver acidentes por causa dela. Isso nos desanimava e entristecia. Menos Maninho. Ele dizia que “nada é impossível sem antes tentar”. A sua atitude e insistência era inenarrável, e até hoje é difícil descrever. Só quem viveu e presenciou é que sabe como era.

O cacique Maninho, conseguiu junto com as demais lideranças, através da FUNASA, hoje chamada SESAI, um poço artesiano e encanamento de água para todas as famílias da aldeia. Isso também gerou empregos na aldeia.



Figura 12: *Implantação da água encanada na aldeia*
Fonte: FUNASA

5.1 A estrada

Logo de início, não existia estrada. Para sairmos da aldeia tinha que ser de canoa, ou barco pelo rio, como conta FERREIRA,2015:

No início da coisa, a nossa rodagem era o rio, o nosso transporte era o barco. Assim que nós mudamos pro outro lado de lá, o CIMI entrou junto com a gente. Ai viu todas as coisas: ah, não, vocês vão depender de um barco pra vocês sair daqui pra Coroa Vermelha. E liberaram um barco boca aberta, por nome juventude. Maninho viu aquilo e comprou um miudinho na mão de um cara. Maninho naquela época era o que tinha condições, era o que tomava empréstimo no banco. Aí formou dois. Depois, os caras vieram e tinham muito abacaxi, como Nego plantava muito abacaxi, e o pessoal do CIMI analisaram: eh, esse barquinho não vai dar em nada não. Tem que comprar um barco grande pra vocês andarem, venderem abacaxi e artesanatos. Aí foi que o CIMI fez um projeto e arrumou um barco grande por nome Maria Joana, um azulão. Então o primeiro transporte nosso, foi o barco, que antes disso era umas canoinhas que você embarcava; não sabia se assegurava ou não. A primeira estrada ali era o rio. (FERREIRA, 2015 P.41)

O cacique Maninho teve papel fundamental na abertura da estrada. Pois foi dele a iniciativa de abrir a estrada, como conta Moisés, numa entrevista.

Sei que me lembro quando foi pra abrir a estrada da aldeia, a estrada nova da aldeia, que dá acesso ao povoado de Santo Antônio, a gente passava por uma trilhazinha, onde dava pra passar mal- mal uma pessoa. Igual caminho de caça. E ele pegou a enxada, eu me lembro disso, na reunião ele chamou todo mundo pra ir fazer aquela estrada, onde muitos da comunidade acharam que ele estava caducando. Me lembro como hoje que ele passou com sua enxada nas costas, e começou a fazer a estrada da aldeia, e quando ele desceu com a enxada, as pessoas começaram a seguir ele. Então foi uma batalha que durou vários meses, a gente cortando ladeira, barro, com enxada, enxadão, picareta, e a partir dali, foi que surgiu a nossa estrada, então hoje temos uma estrada, e hoje passa carro, moto, vários tipos de veículos, foi através dele. (Moisés).

Mas mesmo assim precisava atravessar o rio. Já com os alunos estudando no povoado, precisaram abrir estrada com algumas ferramentas. Não bastava ter só a estrada, precisava também da ponte para facilitar a travessia no rio. Pois o que impedia a passagem de transportes era o rio. Como a estrada era um brejo ainda, foi feita umas estivas de madeira para ficar melhor de passar.

Para os alunos que precisavam estudar no povoado, passavam por muitas dificuldades, por causa da estrada que era precária e a ponte sobre o rio que era de madeiras e tábuas. Quando a maré enchia, carregava todas as tábuas, e era necessário os meninos caírem na água para pegar as tábuas para colocá-las novamente para que todos pudessem passar. Por muitos anos sofremos, às vezes perdendo material escolar, por causa do trajeto que percorríamos.

Em 2004, através da Associação Indígena Pataxó de Mata Medonha (AIPAMM) foi aprovado a construção de uma ponte de cimento para a aldeia. Foi uma conquista esplêndida para todos.



Figura 13: *A ponte de cimento*
Fonte: Ronaldo Martins

A partir daí ficou mais fácil cobrar a prefeitura para fazer a estrada. Demorou ainda para conseguirmos, mas, aconteceu. Foi feita a estrada. Hoje, passam carros, motos, caminhões e tudo mais. A partir de 2005, o transporte escolar passou a buscar os alunos dentro da aldeia.

5.1.A energia elétrica

Vivemos durante muitos anos sem saber o que era energia elétrica dentro de nossas casas. Por muito tempo a nossa lâmpada era o candeeiro e a nosso entretenimento a noite era contar histórias e versos ao redor da fogueira. Eram tempos bons. Nos reuníamos mais, nos interagíamos mais. Não tínhamos gastos com talão de luz, apenas com o óleo diesel.

Em 2006, fomos beneficiados no Programa Luz Para Todos, e foi colocada energia em todas as casas. Com um tempo colocaram postes e lâmpadas para iluminar a aldeia.



Figura 14: *Chegada da energia elétrica*
Fonte: Ronaldo Martins

Depois que chegou a energia na aldeia, o cacique Maninho, junto à FUNAI, conseguiu para a aldeia Mata Medonha, a construção de 33 casas de alvenaria, em 2007. Essa foi mais uma conquista de Maninho e da aldeia.



Figura 15: *De calça preta, o cacique Maninho averiguando a chegada de materiais para a construção das casas.*
Fonte: Gerino Maciel



Figura 16: De chapéu vermelho, Álvaro Brito, averiguando a chegada de cimento para construção de casas para a comunidade.

Fonte: Gerino Maciel



Figura 17: Descarrego de britas.

Fonte: Gerino Maciel



Figura 18: De chapéu e camisa azul, o cacique Maninho averiguando a chegada de telhas para a construção das casas.

Fonte: Gerino Maciel



Figura 19: Casa de alvenaria pronta, 2007

Fonte: Gerino Maciel

Outra conquista do cacique Maninho, junto a FUNAI para a aldeia Mata Medonha foi o projeto de criação de gados bovinos. Como na aldeia havia espaço com pastagem para colocá-los, então ficou mais fácil de conseguir.



Figura 20: Projeto de animais bovinos, adquiridos na FUNAI pelo cacique Maninho para a comunidade.

Fonte: Gerino Maciel

Conseguia também, junto à FUNAI, adubos, aração de terras e sementes para que as pessoas pudessem fazer os seus plantios.



Figura 21: Chegada dos adubos e sementes e a preparação do solo

Fonte: Gerino Maciel

5.2 A escola



Figura 22: A escola Indígena Pataxó Mata Medonha
Fonte: Ronaldo Martins

A escola foi uma das conquistas do cacique Maninho, junto as demais lideranças da aldeia. Seu sonho era ver as crianças e jovens da sua comunidade estudando na aldeia. E conseguiu. Não chegou a ver, mas o seu sonho foi realizado e a sua luta foi vencida. Não foi em vão. Depois de muitas lutas, batalhas e persistência, conseguimos ver no rosto das pessoas da comunidade, a alegria de poder ver seus filhos e parentes estudar em uma escola decente. Mas foi uma luta bem difícil. Por mais que já tínhamos uma salinha de aula, mas a demanda era de uma escola maior, porque a quantidade de alunos tinha aumentado, e precisávamos fazer alguma coisa para não deixar nossos alunos sofrerem na rua por conta do preconceito e discriminação. Precisávamos trazê-los de volta para a aldeia. A nossa primeira escolinha foi uma feita de tábua pela FUNAI, logo após a demarcação da aldeia. Mas infelizmente, não tínhamos professores indígenas capacitados para lecionar. Eram pessoas de fora da aldeia.

A segunda escola foi uma salinha de alvenaria, feita pela prefeitura no ano 2000 a 2001. A partir de 2002, dois indígenas, Sinival e Antônio Carlos começaram a dar aulas na aldeia, porque já estavam concluindo o Ensino Médio. Em 2008, conseguimos a aprovação do projeto de uma escola maior, que pudesse atender as nossas demandas. A escola foi feita, com duas salas, uma cantina e três banheiros. Daí então começou a trabalhar com as crianças que estudavam até o 5º ano ou antiga 4º série. Começamos a correr atrás de trazer os alunos que estudavam no povoado os anos finais do Ensino Fundamental, para a aldeia. Conseguimos essa demanda em 2012, quando já tínhamos um número suficiente de alunos que dava para formar turmas na aldeia. Então a

prefeitura teve que fazer mais duas salas: uma sala de aula e uma secretaria, além de mais dois banheiros.

Atualmente a escola tem 03 salas, 04 banheiros, 01 secretaria, e uma cantina. Este ano a escola realizou pequenos reparos em sua estrutura. Foi realizado reparos no telhado, nas portas dos banheiros e na pintura das paredes. Nesse tempo, tivemos que improvisar alguns lugares para dar aulas, para que os alunos não fossem prejudicados. Usamos então a igreja e uma cabana da igreja para dar aula.

Daí então, começamos a correr atrás de trazer os alunos que estudavam no povoado os anos finais do Ensino Fundamental, para a aldeia. Conseguimos essa demanda em 2012, quando já tínhamos um número suficiente de alunos que dava para formar turmas na aldeia. Então a prefeitura teve que fazer mais duas salas: uma sala de aula e uma secretaria, além de mais dois banheiros.



Figura 23: Salas construídas após a implantação do fundamental II
Fonte: Ronaldo Martins

6. MANINHO E SEU MODO DE LIDERAR

Sobre o cacique Maninho, a maioria dos entrevistados disse que, ele foi um guerreiro, um bom cacique, uma liderança que sempre lutou em prol do seu povo, que batalhou para ver a sua comunidade desenvolvida. Sobre esse assunto, Moisés diz que

ele foi um exemplo para ele se tornar uma liderança. Foi um sábio, que não olhava só para ele. Foi um tio que o apoiou, quando muitos viraram as costas para ele. Uma pessoa que ele tem como referência até hoje. Foi quem fez frente para que hoje existisse uma estrada que pudesse passar transportes, através de serviços braçais. Uma pessoa correta em suas decisões, que ele sempre valorizou. Quem lutou com unhas e dentes para defender Mata Medonha. Uma liderança que nunca cobrou nada da comunidade, por ter viajado sem nenhum centavo no bolso, passando fome para conseguir as coisas pra comunidade. Foi uma pessoa que representou Mata Medonha muito bem. Um dos primeiros moradores de Mata Medonha. Uma pessoa indescritível.

Sobre o que Maninho fazia antes de ser cacique; os entrevistados afirmaram que ele trabalhava na roça, plantando, fazendo farinha, para sustentar sua família. Mesmo antes de ser cacique, ele já corria atrás de benefícios para a aldeia. Vivia na luta. Vivia da caça, da pesca e da agricultura. Criava porcos e galinhas.

Perguntado sobre a indicação de Maninho a cacique, os entrevistados disseram que ele foi indicado pelo seu irmão mais velho Álvaro Brito, e também porque ele já vinha ajudando a buscar benefícios pra comunidade. A comunidade viu que ele era muito interessado nos assuntos da aldeia, mesmo sem leitura, então viu que ele sendo cacique traria mais benefícios para a aldeia.

Ele foi indicado pra ser cacique pelas pessoas que sabiam o seu trabalho, a sua luta, a sua correria, e o respeito que a comunidade tinha por ele antes de ser cacique. E como o seu irmão Domingo Brito já tinha sido cacique, por ele ser um dos fundadores da aldeia, um dos primeiros moradores da aldeia, a comunidade viu que ele não sendo cacique já trazia alguns benefícios pra comunidade, imaginaram que ele como cacique também poderia estar ajudando a comunidade de outra forma. Então essa foi a indicação dele. Ele como cacique o povo ia valorizar ainda mais o seu trabalho (**Moisés**).

Sobre as conquistas de João Brito, os entrevistados concordaram que a maior conquista dele foi o território de Mata Medonha. Outras conquistas foram a escola, posto de saúde, a estrada, a energia elétrica, a construção de 33 casas de alvenaria, uma ponte que passa sobre o rio do norte, onde antigamente era uma pinguela. Ainda sobre o assunto, Moisés e Irene relatam sobre as conquistas de Maninho e o respeito e admiração que as pessoas tinham por ele dentro e fora da comunidade.

Uma das conquistas que Maninho deixou pra nós foi a demarcação de uma parte da aldeia. Depois foi surgindo outras coisas, veio chegando a escola, não foi lá

essas coisas, mas conseguiu trazer pra aldeia que não tinha, por isso, uma das dificuldades que ele tinha, para ele e os seus filhos, era de não ter... dado não, na verdade os filhos dele não teve a oportunidade de estudar na aldeia, onde alguns até hoje ainda são analfabetos. A saúde, onde alguns indígenas tinham muita malária, uma doença que era frequente, e não tinha acesso a hospital, acesso a nada. Outra conquista é a estrada, quando as vezes adoecia, tinha que descer de rio abaixo, de canoa até o povoado de Santo Antônio. Então, não tinha estrada, ele lutou pra estrada chegar até a aldeia, que dava acesso até o povoado. Outra conquista também foi a energia, por muitas cobranças dele, 33 casas pra comunidade, que ainda foi na época dele, que era cacique, e uma ponte, que passa por cima do rio do norte, que hoje, dá acesso a comunidade, que antes passávamos por cima de uma pinguela (Moisés).

A Comunidade Indígena Mata Medonha, tendo Seu Maninho como Cacique, desenvolveu alguns Projetos de benefícios individual e coletivo, com apoio desta Comunidade e Funai, com a parceria da Prefeitura de Santa Cruz Cabralia e outros Parceiros Institucionais, abrangendo as diversas Áreas: Construção da Ponte, Reparos na Estrada que dá acesso a Aldeia, construção da Escola, apoio a saúde indígena, com Posto de Saúde, agricultura, assistência social e outros benefício, como construção de moradias. Tudo foi feito em parceria, Comunidade/ Funai e as demais Instituições. Tenho o sentimento de que Seu Maninho representou dignamente o Papel de Cacique, cumprindo muito bem sua missão, como Pataxó. Deixando um legado de bons exemplos para a Comunidade Indígena Pataxó Mata Medonha e todo o Povo Indígena (Irene).

Falando das dificuldades de João Brito, os entrevistados responderam que tudo foi difícil. Nada foi fácil. Houve muita dificuldade na conquista do território, em que teve que lidar com fazendeiros e pistoleiros, para que hoje tivesse garantido o território de Mata Medonha. Teve muitas dificuldades para se deslocar da aldeia em busca de melhorias para o seu povo. Ainda sobre o assunto, Moisés diz que a maior dificuldade de Maninho foi quando a sua família chegou de Barra Velha, onde Mata Medonha ainda não era aldeia. Era tudo isolado, pura mata, onde teve que se adaptar ao lugar. Não tinha estrada, saúde nem educação. Sofreu muito por não ter nada aqui. Nem leitura ele tinha. Não havia transporte. Ele caminhava a pé por muitos quilômetros em busca de benefícios para sua comunidade.

As dificuldades que ele passou, acho que foi logo quando a família dele chegou de Barra Velha em 1964, que ele chegou e topou o lugar isolado, pura mata, até se adaptar nessa região, vindo de outra região. A dificuldade era a estrada que não tinha, não tinha saúde, educação. Passou por muitas batalhas, por muito sofrimento, de não ter nada no lugar. Outra dificuldade que ele tinha era a questão da leitura, apesar de ele ser muito inteligente, ele não tinha leitura, ele até dizia que se tivesse leitura, ele tinha feito muita coisa, mas como ele não tinha, ele se queixava muito. Outra dificuldade que ele tinha era de sair da aldeia pra buscar benefício, sem transporte, sem nada, muitas vezes caminhou à pé por muitos quilômetros, onde muitas vezes conseguia algumas coisas pra aldeia, muitas vezes recebia um sim, muitas vezes um não (Moisés).

Irene revela que em alguns momentos Maninho retirava dinheiro do seu próprio bolso para resolver problemas da comunidade.

A responsabilidade de uma Liderança/Cacique, é muito grande para com os seus membros da Comunidade. Lembro que Seu Maninho, por muitas vezes pagou de seu próprio bolso suas despesas para vir para as Cidades Vizinhas, para resolver problemas de assistência comunitária. Também as vezes não era compreendido em sua Comunidade, quando as coisas demoravam para serem resolvidas. Como Cacique ele viveu para a Comunidade, enfrentando muitos desafios dentro e fora da Aldeia (Irene).

Perguntado sobre o que aprendeu com ele, a maioria dos entrevistados responderam que aprendeu a respeitar o próximo, a cuidar da terra e não ficar bebendo. Ainda sobre o assunto, Isabel diz que aprendeu a torrar farinha e a criar os seus filhos. E Moisés também disse que ele lhe ensinou que não é preciso bem materiais para ser feliz. Só precisa dar e receber o respeito. Disse que aprendeu a ser uma liderança com ele. Aprendeu a ter o respeito das pessoas da comunidade. Aprendeu a valorizar a comunidade e principalmente valorizar a si mesmo. Aprendeu a não esperar elogios de ninguém. Aprendeu a ser correto como ele foi.

Eu aprendi que ele deu muitos parecer pra gente, dando conselhos para nos para não ficarmos bebendo em nossa terra, cuidar da nossa terra, né, cuidar das coisa que ele deixou também, pra não deixar os outros tomar conta, os outros de fora (Soelma).

O que eu aprendi com ele foi...muita coisa. Foi saber respeitar o próximo, né, e... e acompanhar o trabalho dele (Raimundo).

Falando da falta na atualidade referente a atuação do cacique Maninho, a maioria responde que sente falta da união do povo, que desuniu, e dos recursos que ele conseguia tão fácil. Ainda sobre o assunto, dona Isabel diz que já está acostumada sem. Ela sente falta, mas sabe que ele não volta mais. Moisés completa dizendo que sente falta de Maninho como cacique e como pessoa. Pois ele tinha muito apoio do seu tio. Sente falta de alguém para passar experiência, aconselhar. Com ele a aldeia era alegre. E sem ele, a aldeia teve um abalo, sofreu um grande baque.

Sobre as lembranças de Maninho, Maciel recorda das viagens a FUNAI, a Brasília junto a ele, fazendo as cobranças da demarcação da terra de Mata Medonha, também dos órgãos públicos para levar algum benefício para sua comunidade, lembra também das lutas dele, onde pode acompanhá-lo em algumas reuniões e trabalho de campo, como demarcação, projetos agrícolas entre outros. Para Maciel, o cacique Maninho foi um grande amigo e companheiro, em que ele tinha muito respeito. Era um líder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo de início, quando comecei a minha pesquisa, imaginei que seria muito difícil, porque seria trabalhado com história de vida de uma liderança. Assim que iniciei, primeiramente recebi o apoio da família, que gostaram, e se prontificaram a me ajudar. Daí então me senti mais confiante e a vontade para aprofundar na história.

Foi possível perceber que Maninho juntamente com outras lideranças lutaram pelo desenvolvimento e pela estruturação da aldeia. Suas lutas foram para proporcionar um bem estar melhor para a sua família e toda comunidade de Mata Medonha. Mesmo tendo que usar seus braços para dar o pontapé inicial para esse desenvolvimento.

Ao analisar a história do cacique Maninho, concluo que todas as conquistas foram debaixo de muito sofrimento. Nada veio fácil. Da fundação da aldeia à chegada até os dias de hoje teve muita coisa. No entanto hoje a comunidade pode usufruir das conquistas de sua liderança nos últimos anos como utilizar energia, estudar em uma escola de ensino fundamental I e II na própria aldeia, se consultar no posto de saúde.

Outra marca que a liderança de Maninho nos deixa é o incentivo que ele dava aos jovens. Sua valorização a juventude de Mata Medonha possibilitou que muitos de nós continuassem os estudos e tomassem a frente de diversas posições dentro da aldeia. Seu modo de liderar incentivou o surgimento de uma liderança jovem, de professores indígenas para a nossa escola e da valorização da nossa cultura.

Gostaria de ter aprofundado bem mais nessa história, mas sei que não vai faltar oportunidade. Todo o sofrimento passado foi para mostrar que nada nessa vida é fácil. Tem que ser guerreiro e persistente como ele.

A sua história nos ensina a valorizar o nosso povo e lutar pelo que queremos.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Moisés Ferreira de. **História da aldeia Mata Medonha**. 2016. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

APÊNDICE A- PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

- 1- Quem foi João Brito para você?
- 2- O que João Brito fazia antes de ser cacique?
- 3- Quais as foram suas conquistas? E quais foram suas dificuldades?
- 4- O que você aprendeu com ele?